

Introdução

O escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979) iniciou no ano de 1941 a sua carreira como romancista, com a publicação de *Chove nos Campos de Cachoeira*, como resultado do primeiro lugar no concurso promovido pelo jornal Dom Casmurro e pela Editora Vecchi . Alguns anos após a publicação de sua primeira obra foi lançado o seu segundo romance, *Marajó* (1947). Seguido desse, publicou outras oito obras: *Três Casas e um Rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira Manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os Habitantes* (1976), *Chão de Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978), que compõem o chamado ciclo do *Extremo Norte*.

Esses romances são ambientados na Amazônia paraense e apresentam temáticas que envolvem o homem dessa região. Tais narrativas não são independentes entre si, mas, conforme assinala Benedito Nunes (2009, p.319),

integram num único ciclo romanesco, quer pelos personagens, quer pelas situações que os entrelaçam e pela linguagem que os constitui, num percurso de Cachoeira na mesma ilha [do Marajó] – cidade de sua infância e de sua juventude – a Belém, onde o autor viveu antes de transferir-se para o Rio de Janeiro.

Com exceção de *Marajó*, nove dos dez romances narram a trajetória de vida de Alfredo, desde a sua infância até o início da fase adulta. Filho de uma negra, D. Amélia, e de um branco, Major Alberto, o menino vive os seus primeiros anos na cidade de Cachoeira do Arari, na ilha do Marajó, mas, por se sentir diferente dos demais meninos da localidade e deslocado por não entender a sua identidade como mestiço, nutre o sonho de ir para a capital paraense, para dar continuidade aos seus estudos e fim aos seus dramas. Sua mãe é quem planeja e consegue levá-lo para morar em Belém para estudar.

Os primeiros romances, então, apresentam o desejo de Alfredo de ir a Belém, seu contato com essa nova cidade e com novas pessoas. Os demais romances mostram a sua desilusão com a capital, já que ele a encontra completamente diferente do que via nos catálogos de seu pai e a nova visão que ele constrói sobre a cidade; mostra também os

* Doutoranda em Letras – Estudos Literários. Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista CAPES.



períodos de férias no Marajó e o abandono da vida escolar. Enquanto o menino cresce, sua percepção do mundo, dos indivíduos ao seu redor e o seu comportamento vão se modificando.

No último romance, *Ribanceira*, já adulto, Alfredo é nomeado secretário da Intendência Municipal de uma cidade do interior, onde fica por pouco tempo, antes de regressar para Belém. Apesar de não ser mais uma criança, o sentimento de culpa e a sensação de deslocamento o acompanham até esse momento:

Embora inicie o enredo como alguém bem colocado na estrutura social, o rapaz Alfredo não se engrena naquele que seria o universo da ordem (ele fora nomeado para o cargo, graças à intervenção de um amigo em Belém), inquieto pelo peso de um complexo de culpa muito grande, uma consciência aguda da ruína de sua sociedade, e um processo de busca intenso. Busca de quê? De si mesmo? De valores? De identidade ideológica?...(FURTADO, 2010, p. 127).

Em *Marajó*, segundo romance da série, vemos a força da elite marajoara de latifundiários, nas figuras de Coronel Coutinho e de seu filho, Missunga, em confronto com os pobres e desamparados da região, sobretudo na figura de três personagens femininas: Alaíde, Guíta e Orminda:

Dividida em cinquenta e três capítulos não titulados a obra [Marajó] parece suspensa da temporalidade demarcada nas outras do ciclo, parecendo anterior a todas. Algumas referências, entretanto a aproximam temporalmente do início do ciclo e nos fazem entender o engenho do narrador em configurá-la de tal maneira. (FURTADO, 2010, p. 151).

O ciclo do *Extremo Norte* expõe um quadro da Amazônia paraense pós-auge da economia da borracha e após o período áureo da Belle Époque. Ou seja, a região já havia perdido a riqueza e os ares europeus dos anos anteriores. É uma Amazônia que perdeu todas as esperanças de recuperar a sua grandiosidade do passado. Os personagens do ciclo acompanham a corrosão dessa terra e nos são apresentados como indivíduos igualmente corroídos.

Segundo Marlí Furtado (2010, p. 15), com o ciclo, o escritor paraense rompeu com a tradição literária dessa região, na qual os personagens eram marcados “pelo embate com uma Natureza grandiosa, mítica, na maioria das vezes invencível”, pois nas obras dalcidianas “os personagens eram, em grande parte, pobres e decaídos, produzidos e cerceados pela própria sociedade burguesa em que se inserem (...) corroídos, num ambiente também corroído”.

Em outras palavras, Dalcídio era consciente do papel do Ciclo do Extremo Norte para a ruptura com a tradição literária da Amazônia, como o próprio autor afirma:

Foi a tentativa inicial de transmitir, em termos de ficção, o que vive, sente e sonha o homem marajoara. Vale como um depoimento, uma memória, uma denúncia, uma antecipação. Tentei captar o trivial, o não heroico, o dia-a-dia da vida marajoara, vida que parece tão coisa nenhuma e é, no entanto, tão de todo mundo. Não figurei Marajó como um inferno nem tampouco como um paraíso perdido. Criei nela o meu universo, a terra encantada, e escrevi com prazer, candura e desencanto, com obstinação ingênua e saboroso desgosto, horas e horas vivi na mais divertida e amarga ilusão literária. A flauta é tosca, toquei de orelha, mas toquei com sentimento. (revista Escrita, 1976).

Há de se salientar que, no ciclo do *Extremo Norte*, dentre esses personagens corroídos, impressiona o grande número de mulheres que colaboram para o desenvolvimento das narrativas, contribuindo de forma marcante para a construção dos enredos e dos dramas dos personagens centrais das obras, mesmo não sendo, em sua maioria, protagonistas dos romances.

Podemos inferir que, na produção dalcidiana, as personagens femininas ou são oprimidas na comunidade em que estão inseridas, ou subvertem a forma como a sociedade ordena que se comportem. Sendo assim, as mulheres dos romances de Dalcídio Jurandir se deslocam em duas categorias: da opressão à subversão. Em outras palavras, podemos dizer que tal situação leva algumas dessas personagens a subverterem a ordem social em que estão inseridas, objetivando livrar-se da opressão.

Este trabalho, portanto, pretende analisar duas dessas personagens: D. Amélia, a negra mãe do protagonista Alfredo (que está presente em grande parte dos romances, mas nos deteremos em *Chove nos Campos de Cachoeira*), e Alaíde, caboclinha pobre e trabalhadora da ilha do Marajó (presente no romance *Marajó*), observando como essas mulheres se tornaram subversivas em suas relações de trabalho e com o outro.

Da “pretinha de Muaná” a Dona: Amélia entre a opressão e a subversão

D. Amélia, como já dissemos, é a mãe do menino Alfredo. Ela se tornou uma espécie de amásia de Major Alberto, pai deste, após ter ido trabalhar na casa dele, tornando-se sua “companheira ilegal”, para que tivesse uma viuvez sossegada, como o próprio personagem afirma no romance.

O narrador assim descreve a personagem:

D. Amélia era uma pretinha de Muaná, neta de escrava, dançadeira de coco, de isquetes nas Ilhas, cortando seringa, andando pelo Bagre, perna tuíra,

apanhando açai, gapuiando, atirada ao trabalho como um homem. Viu a mãe morrer de uma recaída de papeira, sem recursos, a palhoça caindo, a prostituição, o pai golado dizendo besteiras na hora do enterro, mas Amelinha firme não se deu por achada. Tinha perdido um filho levado pelo sucuriçu nas Ilhas. (JURANDIR, 1991, p.78).

Podemos observar, com o trecho acima, como o narrador nos descreve a mãe de Alfredo: primeiro, mesmo sendo uma “pretinha de Muaná”, pobre, sem estudo, ela sempre é referida como “Dona” Amélia, expressão que indica respeito e autoridade, ou seja, mesmo ela não sendo oficialmente a esposa de Major Alberto, ela é tratada como tal. Outro aspecto dela evidenciado nesse excerto, é a sua disposição para qualquer tipo de trabalho.

Assim, mesmo com a vida oprimida, a falta de recursos e a morte da mãe, D. Amélia não “se deu por achada”, manteve-se firme na busca de sua subsistência por meio dos seus trabalhos, sem cair na prostituição. Até que o Major convidou-a para ir morar com ele em Cachoeira do Arari, mesmo contra a vontade das filhas de seu primeiro casamento:

As filhas brigaram, mandaram recados ameaçadores, peitaram gente para convencer Amélia a não dar aquele passo. Era uma pretinha. Se ainda fosse pessoa de qualidade... Mas uma pretinha de pé no chão! Quem logo! Seu pai estava de cabeça virada para uma negra. Uma cortadeira de seringa! Com filhas moças e amigado com uma preta que virava mundo pelas Ilhas! Amélia só fazia era soltar a sua risada. (JURANDIR, 1991, p. 78).

Como podemos perceber, D. Amélia enfrenta o preconceito das filhas do Major Alberto e vai com ele de Muaná para Cachoeira e lá se torna, definitivamente, a D. Amélia, tratada por grande parte das pessoas como uma senhora de respeito.

É interessante ressaltar que é ela quem se empenha com a mudança do filho para Belém. Mesmo sem ser uma mulher instruída e estudada, é ela quem planeja tudo e acompanha o filho na viagem, entendendo que o melhor para o menino era dar continuidade aos seus estudos na capital.

Nos dois primeiros romances do Ciclo do Extremo Norte (*Chove nos Campos de Cachoeira e Três Casas e um Rio*), há o início do desenrolar do drama do personagem Alfredo. Para ele, a única solução seria ir para Belém, como uma fuga de todos os seus problemas. É a mãe, então que o ajuda na concretização do sonho. Mesmo que depois o sonho fosse frustrado ao se deparar com a realidade da capital, foi somente por causa da mãe que o menino pôde dar prosseguimento aos seus estudos em outro lugar. Apesar de o pai ser um homem instruído, não é ele quem se interessa em procurar um lugar para o filho estudar, é D. Amélia quem se prontifica a desenvolver tal atividade.

Dessa forma, vemos D. Amélia como uma personagem que subverteu a ordem da sociedade em que estava inserida, pois, se em Muaná, após a morte da mãe, viveria em completo desamparo, oprimida naquela comunidade, provavelmente tendo que se submeter a prostituição para ter o que comer, ao se mudar para Cachoeira do Arari para trabalhar com o Major Alberto e, posteriormente, ter um filho com ele, ela deixou de ser apenas uma descendente de escravos para ser tratada como se de fato fosse a esposa do Major, ganhando o respeito dele e dos mais próximos de Cachoeira: “Amélia ficou sendo em Cachoeira a “dona Amélia”. Botou um gosto de terra morna, de mato e maresia na vidinha burocrática e forense do Major Alberto.” (JURANDIR, 1991, p. 80).

No plano da narrativa, a personagem D. Amélia contribui de forma fundamental para o desenvolvimento do enredo não somente do primeiro romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, mas do *Ciclo do Extremo Norte* como um todo, ao intervir decisivamente na vida do filho e levá-lo para estudar na capital paraense.

Alaíde: entre a opressão e a subversão na ilha do Marajó

Marajó, único dos dez romances em que Alfredo não aparece como o protagonista, tem como enfoque o poder dos latifundiários na Ilha do Marajó, representados pelo coronel Coutinho e sua família, e a opressão a que submetem os pobres e desamparados da região, como as mulheres Alaíde, Guíta e Ormindá.

O protagonista dessa narrativa é Missunga, o filho do coronel, rapaz que vive em contradição, pois ao mesmo tempo em que não se agrada da estrutura social da fazenda, admira a forma severa como o pai conduz todos os negócios da família. Após a morte do pai, ao final do romance, Missunga deixa de lado suas poucas ideias revolucionárias para assumir o lugar de seu pai, como coronel.

É interessante ressaltar os inúmeros envolvimento amorosos do filho do coronel. Ele se relaciona com as três mulheres acima mencionadas e tal fato nos ajuda a perceber como a mulher era vista e tratada naquela sociedade. Alaíde, como mencionamos, é uma das mulheres com quem Missunga se relaciona. Afilhada do Coronel Coutinho, Missunga primeiramente se certifica que ela não é sua irmã, para que possa ter um relacionamento com ela.

Na narrativa, ele a vê da seguinte maneira:

Alaíde era mansa como a terra sentindo as raízes, as marés, a inquietação das árvores sob a trovoadá. Se abandonava com um jeito um pouco distraído, tão tranquilo, tão natural com uma animalidade inocente, tão inocente em certas

horas, que havia naquilo a sensação quase do incesto. (JURANDIR, 1992, p. 75).

No romance, ela é descrita como uma jovem mansa, calma e que prefere viver do seu trabalho a viver do favor da família do padrinho. Em vários momentos em que aparece na narrativa, está ocupada trabalhando, envolta em afazeres domésticos e fazendo por Felicidade (a fazenda com ideias revolucionárias que Missunga arquiteta em um momento de ausência do pai e que abriga diversos trabalhadores com interesse em melhorar de vida) o que o filho do Coronel não fez:

Ela sabia se confundir no meio dos homens e mulheres sem tirar partido de sua posição. A proporção que dias passavam e os roçados surgiam, ela se tornava mais ligada a eles, transmitindo-lhes uma confiança mais viva. Missunga se impacientava e explicava a Alaíde que o lugar dela não era no meio deles, mas na barraca, ajudando-o. (JURANDIR, 1992, p. 148).

Após a dissipação dos trabalhadores da fazenda e, percebendo que não passava de uma distração para Missunga, Alaíde decide abortar o filho que estava esperando dele por meio de uma beberagem. Posteriormente é abandonada pelo rapaz e desaparece por um tempo da narrativa.

A cena do final do romance se dá em um diálogo entre ela e Orminda. Alaíde reaparece procurando pela amiga e a encontra em seu leito de morte. Nesse momento, tenta animá-la, convidando-a para ir a Belém com ela para juntas trabalharem nas fábricas da capital. O excerto é sugestivo para nos mostrar as intenções da personagem para o seu futuro:

Alaíde procurou a mão da amiga, acariciou-lhe os cabelos, cobriu-a devagarinho com o lençol, receando machucá-la, debruçou-se sobre ela e calma falou:

— Orminda, olha quem está aqui contigo, mana. Abre os olhos e não se assuste.

(...)

— Cheguei agora, Orminda. Venho te buscar para ir comigo pra Belém. Tu te cura e nós vamos. Tu tem que me conhecer, Orminda, mana. (JURANDIR, 1992, p. 361-362).

Não há no romance a indicação que Alaíde de fato foi para a capital trabalhar, mas o simples interesse da personagem em não querer ficar sempre submissa à opressão masculina na Ilha e ter o anseio de se sustentar por meio da sua própria força de trabalho, nos sinaliza uma tentativa de subversão da parte dela, pois, anos após o insucesso de seu relacionamento com Missunga, decide depositar suas esperanças no trabalho e não pensar ter o futuro garantido sob a proteção de um homem, como era o costume na região.

Considerações Finais

O *Ciclo do Extremo Norte*, projeto literário arquitetado por Dalcídio Jurandir, objetivava levar hábitos e costumes da Amazônia para o texto literário, sem perder o enfoque a descrição de dramas que poderiam estar presentes em qualquer outra obra, possuindo, assim, um caráter universal.

Mesmo tendo homens como protagonistas de seus enredos – Alfredo e Missunga, principalmente – as personagens femininas dos romances de Dalcídio Jurandir se destacam nas narrativas, pois muitas vezes seus atos condicionam e determinam as atitudes tomadas pelos homens.

D. Amélia, por exemplo, além de mudar a sua vida e subverter a ordem social de Muaná, ao morar com o Major Alberto em Cachoeira do Arari, interfere também decisivamente na vida do menino Alfredo, levando-o para estudar em Belém, fato este que contribui para as novas peripécias do filho, como também para o aumento da complexidade dos dramas do menino.

Alaíde, por sua vez, não chega a subverter completamente a organização social imposta pelos latifundiários, mas há essa sugestão, quando ela decide ir para Belém a fim de trabalhar nas fábricas da cidade. Isso nos mostra que ela pelo menos tinha o desejo de se desvencilhar da dependência masculina para sobreviver e poder garantir sua subsistência por conta própria.

Há de salientar o caráter de denúncia da produção dalcidiana, pois a mulher marajoara dependia exclusivamente da proteção masculina para ter um futuro digno e certa respeitabilidade no seu meio social. Até mesmo D. Amélia só consegue respeito devido ao seu amasiamento com o Major Alberto.

Dessa maneira, as faces femininas representadas por Dalcídio Jurandir nos ajudam a desvelar a sociedade amazônica do início do século passado, assim também como essa sociedade foi retratada e denunciada por meio da literatura brasileira. Investigar, pois, as personagens femininas dos romances produzidos por Dalcídio Jurandir nos ajuda a obter uma melhor compreensão de suas obras, as quais possuem como forte aspecto a denúncia social, bem como nos possibilita observar o papel do escritor paraense no contexto da literatura nacional em grande parte do século XX.



Referências

FURTADO, Marlí Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeira**. Belém. Cjup/Secult, 1991.

_____. **Marajó**. Belém: CEJUP, 1992.

NUNES, Benedito. *Conterrâneos*. In: _____. **A clave do poético**. São Paulo; Companhia das Letras, 2009.

_____ et al. **Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia**. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/ Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.